

Bolsa-Escola para a América Latina

Cristovam Buarque defenderá na Cúpula para o Desenvolvimento Político criação de fundo para financiar o programa no continente

Tânia Fusco
Da equipe do Correio

O governador Cristovam Buarque (PT) tentará roubar a cena hoje, na abertura da Cúpula Regional para o Desenvolvimento Político e os Princípios Democráticos. No seu discurso de anfitrião do encontro, que reúne em Brasília 150 lideranças políticas e intelectuais dos países latino-americanos e do Caribe, vai propor a criação de um fundo internacional para manutenção da bolsa-escola. É o que já batizou de Proje-

to Bela — Bolsa-Escola para a América Latina.

“É um novo Plano Marshall”, anima-se o governador, referindo-se ao plano para o desenvolvimento econômico que, nos anos 50, uniu e reanimou o mundo depois da Segunda Guerra.

Proposta de candidatíssimo à Presidência da República? “Proposta de quem só admite a globalização econômica sem exclusão, sem a dessemelhança social e, hoje, é candidato apenas a coordenar as prévias do PT para escolha do nosso candidato”,

diz Cristovam, que na semana passada foi citado pelo presidente Fernando Henrique como um bom presidente do PT. “Espero que ele apoie o Projeto Bela”, escapa.

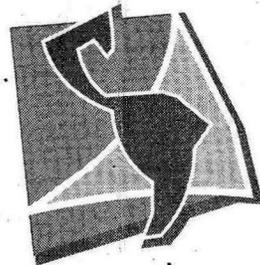
Pelas contas do governador, se aplicado, o Projeto Bela pode levar às escolas da América Latina um milhão de crianças, beneficiando 500 mil famílias. Ele vai convidar os participantes da Cúpula Regional para conhecerem o projeto Bolsa-Escola do DF, que paga um salário mínimo mensal (R\$ 124) para cada família pobre com filhos matriculados na escola, sem faltar às aulas.

A Bolsa-Escola de Brasília, que é a menina dos olhos do governo e tem sido copiada pelo Brasil afora, já benefi-

cia 22.700 famílias, garantindo escola para 43 mil crianças. No Projeto Bela, Cristovam imagina que não seja necessário pagar os 120 dólares mensais. Mas, considerando as diferenças regionais, acredita que o valor médio da bolsa paga pelo fundo seja de 40 dólares.

Cristovam pretende provar que o custo anual do Projeto Bela será de 240 milhões de dólares.

O menino Joseni Costa Neves, de 11 anos, aluno da 3ª série do Caic de São Sebastião, que foi um dos cinco estudantes brasileiros premiados com uma viagem a Paris por um concurso de redação da Unesco, será citado no discurso de Cristovam com símbolo do sucesso da Bolsa-Escola no DF.



Ronaldo de Oliveira 30.05.97



Joseni Costa Neves, 11 anos, menino símbolo do sucesso da Bolsa-Escola

FHC abre a conferência

A Conferência de Cúpula Regional para o Desenvolvimento Político e os Princípios Democráticos começa hoje, às 9h, com um coquetel reunindo os participantes no Memorial JK. A primeira conferência será do presidente Fernando Henrique Cardoso, que fala às 11h sobre América Latina e Caribe Frente ao Processo de Globalização.

Ao longo do dia vão acontecer quatro outras conferências sobre direitos humanos, cultura e meios de comunicação, paz e identidades étnicas. Temas básicos para debates de cinco grandes comissões que, até domingo, vão elaborar o documento final do encontro.

“O nosso tempo é de inventar o futuro, não apenas construí-lo”, diz, ao seu estilo, o governador Cristovam Buarque, que espera ver sua proposta presente no documento final da Cúpula como compromisso dos participantes.

A Conferência, que acontece no auditório do Centro de Formação Profissional do Banco do Brasil (setor de Clubes Sul), é promovida pela Unesco com apoio do Ministério da Cultura e do governo do Distrito Federal. Terá a participação de dos ex-presidentes Patricio Aylwin, do Chile, Miguel de La Madrid, do México, Venício Cerezo, da Guatemala, Itamar Franco e José Sarney, do Brasil, além de Federico Mayor, Diretor-Geral da Unesco; Mohammed Bedjaoui, presidente da Corte Internacional de Haya, dos escritores Jorge Amado, Zélia Gattai e da cantora peruana Tânia Libertad.

ARTIGO

O ESPÍRITO DA CONFERÊNCIA DE BRASÍLIA

Federico Mayor

Hoje, começa em Brasília a Conferência de Cúpula Regional sobre o Desenvolvimento Político e Princípios Democráticos, organizada pela Unesco, em parceria com o Ministério da Cultura do Brasil e com o Governo do Distrito Federal. Para muitos, pode parecer estranho que a Unesco, mais conhecida internacionalmente por sua atuação nas áreas incluídas em seu nome (educação, ciência e cultura) se envolva com as questões abordadas na reunião, que será aberta com uma cátedra magistral do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Na verdade, a democracia, a paz, a não violência, a vigência de leis justas, direitos humanos, a liberdade de expressão são objeto das atenções do organismo desde a sua constituição, há 50 anos. Os fundadores da Unesco, com notável clarividência observaram, em novembro de 1946, que: “Uma vez que as guerras nascem na mente dos homens, é na mente dos homens onde devem ser erigidos os baluartes da paz”.

No momento em que a distância do novo milênio já pode ser contada facilmente em dias, precisamos estar conscientes de que não se pode pagar, ao mesmo tempo, o preço da guerra e o preço da paz. É preciso escolher. E a construção da paz é condição sine qua non para preservar a liberdade e alcançar o desenvolvimento econômico, social e cultural mais equitativo e respeitoso em relação ao meio ambiente.

Nós, seres humanos, nos defrontamos

com uma gama de problemas fundamentais para a sobrevivência não só da civilização, mas da própria vida na Terra. A lista de desafios é grande e é um equívoco pensar que os problemas se resolverão naturalmente ou apenas pelas forças do mercado, que não são um deus ex machina mas, sim, uma técnica que os homens criaram para produzir mais eficientemente os bens e serviços necessários.

O mercado é apenas um componente, com frequência adulterado, porque se fala de mercado livre quando todos sabemos que é cativo, que há barreiras protecionistas como no mercado agrícola da Comunidade Europeia, por exemplo. Fatos que lançam no descrédito total aqueles que pretendiam fazer do mercado nada menos que nossa estrela-guia.

As respostas para as questões com que nos defrontamos só podem ser encontradas a partir de princípios éticos, da solidariedade moral e intelectual da humanidade. Devemos ter presente, também, que não há paz duradoura sem desenvolvimento permanente, sem justa distribuição de bens e sabe-

res, sem um contexto social em que imperem os princípios democráticos.

O primeiro deles é o direito ao direito, o respeito à lei mas, simultaneamente, à liberdade de expressão para que a lei seja justa. Como sabemos, havia o império da lei na Alemanha de Weimar e no bloco soviético. É preciso que haja o império da lei justa.

A paz, o desenvolvimento e a democracia não são algo externo a cada uma das pessoas. Eles são forjados e consolidados cotidianamente em cada cidadão. Uma democracia é forte na medida em que os cidadãos contam e não só quando são contados em pesquisas de opinião ou durante eleições. Eles existem quando os cidadãos participam, quando são capazes de opinar e intervir nos assuntos que lhes dizem respeito, seja na esfera municipal, regional ou nacional.

Se não participo, não existo como cidadão e, para participar, tenho que saber. A paz, a democracia e o desenvolvimento não são realidades estáticas, mas sim forças que atuam em dependência recíproca. Formam um triângulo interativo em cujo eixo poderíamos situar a educação

pois, como dizia Simon Bolívar, “a educação é a base da liberdade.

A educação é a pedra angular da democracia, do desenvolvimento e da paz; a educação é a coluna vertebral da segurança em escala pessoal e mundial, da soberania e cada mulher e de cada homem sobre seu próprio destino; a educação é a fonte de todos os benefícios que emanam da dignidade humana. Permite a manifestação do imenso potencial criador que anima cada ser humano; lhe proporciona a capacidade para desempenhar as mais diversas atividades profissionais, lhe confere as destrezas e habilidades necessárias aos mais diversos serviços.

A resposta para os problemas, portanto, é educação para todos e educação durante toda a vida. Precisamos transformar-nos em sociedades educativas, dando especial atenção aos jovens que, nesta época de transição e contradições implícitas, muitas vezes deixam de confiar e esperar.

A Convicção de que é preciso forjar uma nova cultura de paz, de não-violência — entre estados, mas também entre povos, culturas, etnias, religiões, e indivíduos — vem ganhando terreno há vários anos tanto no espírito das novas gerações como na praxis institucional. Tenho certeza que este é o espírito que animará a Conferência de Brasília.

■ Diretor-Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)